

A cidade que nos habita: um passeio comunicacional por entre avenidas, ruas e vielas

“**N**ós poderíamos pensar na própria cidade moderna, enquanto tal, como sendo o primeiro e o macro protótipo da prisão. Nós estamos presos dentro da cidade”. É assim, com clara inspiração foucaultiana, que o grande poeta paranaense Paulo Leminski nos apresenta a cidade: um espaço aprisionador, na lógica do panóptico, que circunscreve os corpos dentro de rígidos limites geográficos, sociais, morais e políticos. Tal afirmação, em uma fala tipicamente vívida e ácida, aconteceu durante uma de suas palestras na Universidade Federal do Paraná, em 1983, em Curitiba (capital do estado do Paraná na região Sul do Brasil). Entretanto, neste mesmo evento, o poeta também nos apresenta outra faceta da urbe: é na cidade, pulsante e insone, por meio de suas brechas, caminhos e descaminhos, que também encontramos o palco perfeito para a resistência e a liberdade poética, por exemplo, dos grafites e pixos¹. Rebelando-se contra a vigilância e a punição, eles deixam sua marca, ainda de que maneira efêmera, naquilo que Leminski chama de “a pele da cidade”. Mais do que isso: “O grafite está para o texto assim como o grito está para voz. O grafite é um berro”, nos lembra o poeta.

Assim, sendo um local complexo e dotado de contradições que o estruturam e por ele são estruturadas, o espaço urbano vivencia sua relação com a comunicação também de modos múltiplos. Justamente para explorar questões relativas às concepções do espaço público, do lugar antropológico e das práticas cotidianas que envolvem o tecido social da cidade, a edição n. 37 da *Revista Latinoamericana de Ciencias de la Comunicación* traz aos leitores o seguinte dossiê: “Comunicação e a cidade: formas de habitar durante as transformações sociais”.

Organizado por Eduardo Álvarez Pedrosian (Universidad de la República), Ximena Póo Figueroa (Universidad de Chile) e Juan David Zapata Agudelo (Universidad Pontificia Bolivariana), o dossiê conta com 14 artigos que abordam a problematização do comunicacional nos limiares

¹ Optou-se pelo uso do “x” e não do “ch”, como o termo é dicionarizado, porque essa é a forma de escrita usada por aqueles que fazem o pixo, isto é, estamos a falar de uma potência da linguagem das ruas e da cidade que se sobrepõe aos rigores da norma culta. Para quem se interessa, a palestra de Paulo Leminski pode ser encontrada neste link: <https://www.youtube.com/watch?v=cXdKmKUcXAk>.



possíveis entre a cidade e os atores sociais que a habitam, a modelam e a vivenciam em suas transformações contemporâneas. Com trabalhos que transitam por vários espaços do nosso continente, o dossiê distribui sua autoria por 28 investigadores e investigadoras com alto nível de formação (valendo o destaque para a presença de pesquisadoras latino-americanas que representam aproximadamente 70% do total autoral, ou seja, 20 autoras em relação a 8 autores).

Abrindo as discussões na seção de artigos livres, o trabalho “Reflexões sobre o texto e a escrita na web sob o prisma da *enónciation éditoriale*”, escrito por Larissa Conceição dos Santos, debate as relações entre a apreensão e a circulação textual no cenário digital. De natureza exploratória, o artigo analisa não apenas os aspectos linguísticos e interpretativos do texto e da escrita, mas também o suporte que limita, sustenta e prescreve determinadas modalidades de leitura a partir do fundamento da enunciação editorial. Por sua vez, o artigo de Krystal Urbano e Mayara Araujo procura apresentar uma leitura da presença cultural da Coreia do Sul no Brasil ao colocar em disputa as evidências de uma concepção monolítica sobre a cultura asiática no país. Intitulado “Beyond Japanese lenses: reflections on the Korean diaspora and the Hallyu in Brazil”, o trabalho das autoras procura pensar como a Onda Coreana reelabora novas formas de compreensão sobre a Ásia que, historicamente, quase sempre esteve ancorada no imaginário produzido pela experiência japonesa no Brasil.

Dando sequência à temática que direciona o dossiê, “¿De qué hablamos cuando hablamos de ciudad?” é o título da entrevista que tem Rossana Reguillo como a principal responsável por destacar a importância dos liames que interconectam o campo da comunicação e os estudos urbanos. Entrevistada por Eduardo Álvarez Pedrosian, Ximena Póo Figueroa e Juan David Zapata Agudelo, Rossana Reguillo é docente no Departamento de Estudos Socioculturais do Instituto de Estudios Superiores de Occidente (ITESO), em Guadalajara, no México, e fundadora do Grupo de Trabalho em Comunicação e Cidade (GT15), da Associação Latino-Americana de Investigadores da Comunicação (ALAIIC). Junto ao GT, os trabalhos da pesquisadora mexicana têm procurado trazer ao ambiente acadêmico a necessidade fundamental de pensar como o poder, a política, a construção de subjetividades e a produção de ações podem nos dar o caminho para uma transformação social que permita romper as estruturas autoritárias em busca do “*buen vivir*”.

Também relacionada ao dossiê, a seção de estudos aborda dois trabalhos que buscam mostrar um panorama das relações entre a comunicação e a cidade em distintos espaços da América Latina. “Desde la comunicación urbana a las multiterritorialidades del habitar con-temporáneo: trayectos y horizontes transdisciplinarios” é o estudo produzido por Eduardo Álvarez Pedrosian, Ximena Póo Figueroa e Juan David Zapata Agudelo. Já “Cultura das mídias, cidade e imaginário: um breve relato sobre a linha de pesquisa do Programa de Pós-Graduação em Comunicação-UERJ” é o estudo de autoria de Cíntia Sanmartín Fernandes, Erick Felinto e Ronaldo Helal.

Encerrando esta edição, a seção de resenhas traz “Tradições de investigação em diálogo – estudos sobre comunicação na América Latina e Europa”, de Rose Dayanne Santana Nogueira, que procura

fornecer ao leitor uma visão crítica e de comparações transcontinentais do trabalho organizado por Fernando Oliveira Paulino, Gabriel Kaplún, Miguel Vicente Mariño e Leonardo Custódio (*Tradiciones de Investigación en Diálogo – Estudios sobre Comunicación en América Latina y Europa*, 2020). Em “Pensando um feminismo decolonial”, resenha de Lucas Santos Carmo Cabral, as reflexões da cientista política e historiadora francesa Françoise Vergès (*Um feminismo decolonial*, 2020) são ressignificadas como tentativa de compreender o feminismo e as opressões derivadas da colonização também no cenário latino-americano.

Aproveitamos para agradecer de maneira muito afetiva as pesquisadoras e os pesquisadores que colaboraram com a construção deste número por meio de trabalhos que se distribuem do dossiê às seções de artigos livres, entrevista, estudos e resenhas. Igualmente, destinamos nossos agradecimentos aos pareceristas que gentilmente fizeram suas avaliações e à Equipe Editorial que acompanhou todo o processo de produção desta singular edição.

Por fim, para fazer uso mais uma vez da poesia de Leminski, nós desejamos que o famoso grafite do poeta (outrora, encontrado largamente nas ruas de Curitiba) continue a ecoar pelas mentes e corações daqueles que se interessam pela interface de estudos sobre a comunicação e a cidade: “Sentado não tem sentido”, dizia o poeta. Logo, que possamos nos movimentar pela cidade e que esse caminhar possa nos auxiliar na compreensão das inúmeras avenidas, ruas e vielas pelas quais a comunicação passeia e cria os seus sentidos. Boa leitura!

Margarida Maria Krohling Kunsch
Maria Cristina Palma Mungioli
Anderson Lopes da Silva